

OS EMPANADOS: A POÉTICA DA CRIAÇÃO DE PERSONAGENS EM TECIDO

The EmPanados: poetics of the creation of cloth characters

Fábio Ortiz Goulart¹
Andrew Vieira Maio²

Resumo: O tecido figura como um dos materiais com maior presença em nosso cotidiano, afinal sem ele estaríamos com o nosso corpo descoberto e ao dormir utilizamos tecidos para nos cobrir do frio. Relegado ao status de material para produção de "arte menor", os tecidos foram esquecidos, sendo pouquíssimas vezes utilizados como material para a produção no campo das poéticas visuais. Material muito versátil, o tecido nos possibilita criar formas muito amplas, na arte contemporânea as possibilidades deste material passaram a ser largamente exploradas. Neste trabalho, a partir de referenciais como Clau Paranhos com suas "Bonecas feias" e Celi Ortiz com sua produção de gatos em esponja, busco explorar as possibilidades do tecido reciclado para a criação de personagens, que dialogam com o universo da infância e do brinquedo, a partir da série EmPanados.

Palavras-chave: bonecos; costura; tecido; toy art.

Abstract: Cloth is one of the materials with the greatest presence in our daily lives, after all without it we would be with our bodies uncovered and when sleeping we use cloth to cover ourselves from the cold. Relegated to the status of material to produce "minor art", cloth was forgotten, being very rarely used as material for production in the field of visual poetics. A very versatile material, cloth allows us to create very wide shapes, in contemporary art the possibilities of this material have been widely explored. In this work, based on references such as Clau Paranhos with her "Ugly Dolls" and Celi Ortiz with her production of sponge cats, I seek to explore the possibilities of recycled cloth for the creation of characters that dialogue with the universe of childhood and toys, from the EmPanados series.

Keywords: dolls; sewing; cloth; toy art.

¹ Mestre em Artes Visuais (2023), Universidade Federal de Pelotas (UFPel), com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Bacharel em Arqueologia (2021), Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Graduando em Artes Visuais, FURG. Idealizador, fundador e editor da Revista Multidisciplinar de Estudos Nerds/Geek (FURG). Idealizador, fundador e editor (2020-2021) da Arche: Revista Discente de Arqueologia (FURG). Pesquisador associado do Liber Studium - Laboratório de Arqueologia do Capitalismo, vinculado ao Instituto de Ciências Humanas e da Informação (ICHI/FURG).

² Estudante do curso de graduação em Licenciatura em Artes Visuais, Instituto de Letras e Artes (ILA), Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Foi bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) no período de 04/2015 à 07/2016 e no ano de 2018. Coordenador e professor do Clube de Ciências e Artes Marie Curie (CCAMC/FURG)

Palavras iniciais de um costureiro iniciante

O tecido é um dos materiais mais cotidianos em nossas vidas. Utilizamos os tecidos para construir roupas, cobertores, toalhas, sapatos, cortinas, travesseiros e mais uma infinidade de outros objetos do dia a dia. Embora esquecido na história da arte como material de criação, o tecido nunca deixou de figurar no campo do design ou de objetos com funções práticas (mas, não menos simbólicas que o objeto artístico).

O tecido permite o contato direto com o artista: material e pele se juntam, se roçam, se tocam. É uma relação amalgamada. Como um objeto relacional de Lygia Clark, o tecido é sensorial, ativa nossos sentidos, nossas memórias sensoriais e afetivas.

Se, por um lado, o tecido aguça nossos sentidos, memórias e afetos, por outro, seu processo de transformação em um outro objeto estimula o olhar, a percepção das possibilidades contidas em tal material, "a costura", como nos diz Cláudia Paranhos, "fere o tecido" (Paranhos, 2017, p. 573). Ela é mais que uma técnica de transformação de objetos, ela

é mais forte que o grafite, repuxa o tecido, modela, fere, fura. É um desenho tátil, que se sente na ponta dos dedos. É um desafio porque é mais imprevisível que o desenho. Une pedaços, constrói em três dimensões, sai do papel. A costura, o feito à mão, é prazer ritualístico atemporal, traz a sensação de não ter nenhuma pressão de tempo, é como estar meditando (Paranhos, 2017, p.573).

Nesse fruir do ato de costurar, ou seja, nessa relação que o artista estabelece na junção de objetos para o surgimento de um outro, surge a criação. A criação está presente antes do objeto, é claro, porém, na costura e, em especial, na costura de personagens aqui relatada, a costura é mais do que a técnica, ela é uma relação do eu com a minha ancestralidade; pois a minha relação com a costura e com os tecidos está para além de uma atividade prática. Minha mãe foi costureira durante grande parte de sua vida, logo, agulhas, alfinetes, seguranças, linhas e seus respectivos carretéis e todo um

aparato material já faziam parte do meu universo, desde a minha infância. Embora tenha iniciado há pouco tempo nessa prática, afinal a costura é costumeiramente considerada uma atividade feminina, lancei mão de uma atividade familiar para a produção de personagens em tecido reciclado, sobras de pano e outros materiais têxteis do trabalho de minha mãe para, assim, pensar o papel da costura na construção de subjetividades.

Para Guattari (1990), a subjetividade é construída a partir de múltiplos fatores que interpelam os sujeitos, sendo a arte um desses. Nessa perspectiva, busco, na criação de personagens, os quais chamei de EmPanados, a construção de subjetividades outras, que estão além dos produtos ofertados pelo capitalismo durante a minha infância. Nesse sentido, os EmPanados servem como alternativa a uma infância midiaticizada e que pouco dá espaço à individualidade dos sujeitos. O objetivo deste texto é, portanto, trazer um pouco do percurso que tenho iniciado com a prática da costura como uma poética visual a partir da criação dos personagens da série EmPanados.

Das referências

Desde minha infância, o consumo de brinquedos padronizados, feitos de plástico, vinil, látex, e outros materiais, fazem parte da minha vivência. Pouco se tem falado sobre o impacto dessas materialidades para a construção das subjetividades. O capitalismo, ao ofertar tais brinquedos, estimula comportamentos que, geralmente, minam a individualidade das crianças, impedindo-as de se expressarem no ato de brincar ou mesmo na construção dos brinquedos. Afinal, as brincadeiras e bonecos/bonecas já vêm prontos para serem usados. O soldado sempre será um soldado, o carrinho sempre será um carrinho e, assim, sucessivamente.

Enquanto crescia, fui rodeado mais e mais com tais simulacros que me surrupiaram o prazer da criação do próprio brinquedo e dos próprios personagens, logo, a criação de simulacros de outros corpos possíveis. Duas

são as referências estéticas que me suscitam diálogos com os EmPanados. A primeira delas são as "Bonecas Feias" (Figura 1), de Clau Paranhos. Tais bonecas são construídas em tecidos e possuem acessórios e outros elementos em materiais diversos. A artista considera que suas bonecas tem um efeito de (des)educar, pois é a partir delas que novas imagens sobre o corpo são tecidas; bem como trazem às tona a individualidade e subjetividades do criador, permitindo ir na contramão da fabricação de brinquedos padronizados da cultura de massa (Paranhos, 2017).



Figura 1. "Bonecas Feias", Clau Paranhos, 2016. Bonecas, tecido e materiais diversos. Fonte: Paranhos, 2017. Fotografia de mala amarela sobre chão de tacos de madeira, com parede branca ao fundo. A mala está aberta e quase coberta por bonecas de pano dos mais diversos formatos e cores, algumas com tecidos estampados em formas geométricas básicas, outras com estampas de obras de arte famosas.

Diferente da poética de Clau Paranhos, o "Gato" (Figura 2), de Celi Ortiz, não possui uma teorização acerca de sua criação, uma vez que a artista (ainda que não se considere uma) não aborda suas criações como arte, mas como objetos que nada tem de artístico. Em discordância, mantenho

minha referência à autora do trabalho como artista. De todo o modo, não vamos entrar nesse debate aqui. O que nos interessa, sobre a obra da artista, é o caráter (re)inventivo dos materiais do cotidiano. A reciclagem se faz presente, pois, a esponja e as fitas são oriundas de materiais cotidianos, direcionados para fila da costura e que se tornam novos objetos, com novos valores. Tal maneira de produzir esses gatinhos feitos de esponja surgiu da observação da esponja e de suas possibilidades de forma; afinal, ela é facilmente maleável. Em uma comunicação pessoal sobre sua infância, a artista comentou que o acesso a brinquedos eram quase que exclusividade das classes econômicas e sociais mais abastadas e, para as crianças mais pobres, os brinquedos eram, geralmente, feitos de material reutilizado e presentes nos cotidianos (Ortiz, 2021). Tais simulacros fizeram parte da minha infância e cumpriram um papel fundamental na valorização do trabalho manual que a artista fazia, trabalho esse que estava vinculado ao sustento da casa: a costura.



Figura 2. "Gato", Celi Ortiz, anos 2010-. Boneco, esponja, tecido e têmpera. Fonte: acervo do autor.

Fotografia de uma esponja amarela, amarrada com um laço vermelho ao centro e dois laços vermelhos menores nas laterais da parte superior, sobre a qual foram pintados dois pontos escuros, um traço preto ao centro e uma curva rosa, o que forma um rosto e a figura de um gato sorridente.

Do processo de criação

O processo de criação dos personagens não se inicia em um planejamento, pelo contrário, o início ocorre quando já estou com a agulha em riste, prestes a apunhalar o tecido (Figura 3).



Figura 3. Suporte utilizado: tecidos reciclados. Fonte: acervo do autor. Fotografia de cortes de tecido felpudos cinza e pequena faixa de tecido liso rosa sobre fundo cinza.

O suporte utilizado é oriundo das sobras, que seriam descartadas, de um casaco que possui muitos pelos na parte interna. O fato do tecido ser felpudo tornou-o propício para a realização dos EmPanados, que se tornam quase que bichinhos de pelúcia. Embora essa não tenha sido a minha ideia quando resgatei as sobras de irem para o lixo, alguma coisa no tecido havia me tocado, afinal eu os escolhi para ficar, para serem transformados em algo.

No mesmo dia em que recolhi o material, uma motivação pulou em minha cabeça. Peguei uma agulha, a linha e observei as formas que o

tecido me apresentava. Divaguei sobre as possibilidades de criação com tal material. Assim, dois retalhos se tornaram um anel de tecido que, logo, se juntaria a um outro pedaço para se transformar em uma quase esfera. Ao observar tal objeto costurado, me veio à mente a criação de uma bola de tecido, pois eu experimentava ainda as possibilidades que o material me apresentava. Em seguida, olhei atentamente o restante do material e percebi um pedaço de tecido em forma triangular; logo, a imagem de um bichinho arredondado me veio à cabeça. Assim, surgiu o primeiro dos EmPanados.

A partir da relação que estabeleci com o material, na qual as formas dos retalhos me guiaram na criação dos personagens, muito mais do que na minha interferência na forma do tecido, é que consegui construir os EmPanados. Eles não são frutos de uma preconcepção. Eles se constituíram na realização do próprio trabalho, sem a intenção inicial de ser algo concreto, pronto. A costura, nesse processo, se tornou parte da poética, tanto quanto os bonecos são.

Assim, os EmPanados foram criados na prática do experimento, sem terem sido pensados e elaborados previamente, sem um projeto ou sem uma ideia que atuasse como fundamento. Com isso, não quero dizer que eles saíram "totalmente do nada", afinal, meu imaginário é povoado de criaturas e de referências outras, que constituem parte do que sou, tal quais as "Bonecas Feias", de Clau Paranhos, e os gatos de esponja, de Celi Ortiz. Na criação dos personagens, a minha prática partiu de um saber rizomático, constituído e interpelado por diversos saberes (Deleuze; Guattari, 1995).

Enfim, os EmPanados

O nome EmPanados possui um caráter de duplo sentido. Empanados são produtos de origem animal, processados por indústrias alimentícias e

vendidos como alimentos, conhecidos como *steak* e *nuggets*. Daí a brincadeira com a palavra, pois os EmPanados brincam com o jogo do capitalismo, ao valorizar a subjetividade e a individualidade do sujeito que os fabrica, bem como trazem, em seu nome, a menção à materialidade (o pano/tecido); além disso, o tecido a partir do qual os personagens foram feitos lembra o aspecto dos produtos empanados, em especial pela cor do tecido reciclado.

A criação de personagens implica, também, na criação de comportamentos e personalidades para tais criações. Assim, cada um dos EmPanados possui uma personalidade e um comportamento que o distingue dos demais. Ao total, foram produzidos três personagens: Sr. Fur, Srta. Fancy e Sr. Pizza, cada qual com suas características físicas e comportamentais. Abaixo, segue um pouco sobre o perfil de cada um deles.

1) Sr. Fur (Figura 4): o primeiro a ser criado e que deu origem aos EmPanados, Sr. Fur caracteriza-se por possuir um corpo ogival, olhos feitos de botões brancos e uma boca feita com tecido branco tingido com tinta PVA vermelha, ambos os olhos e a boca são costurados ao corpo, possui uma cauda longa, que, vez ou outra, pode utilizar como mãos, uma vez que ele não possui membros superiores e inferiores e, por isso, se locomove rolando seu corpo ou dando pulinhos. O Sr. Fur é reservado, pouco falante, geralmente é tido como alguém que prefere a sua própria companhia, mais do que conviver com outros. Embora tenha essa personalidade solitária, o Sr. Fur gosta de seus amigos e não mede esforços para ajudá-los.



Figuras 4. Sr. Fur. 2021. Boneco, tecido, tinta PVA e botões. (Série EmPanados). Fonte: acervo do autor. Duas fotografias do mesmo objeto. À esquerda, agregado de tecido felpudo bege com dois botões como olhos e detalhe de tecido avermelhado como boca. À direita, o objeto visto de lado, com sua pequena calda.

2) Srta. Fancy (Figura 5): a segunda a ser criada, Srta. Fancy caracteriza-se por ter um corpo alongado, em formato de pipeta, possui um par de braços curtos e não possui pernas. Sua locomoção é feita por meio da flutuação. Possui um cabelo na altura do peito e veste uma blusa preta. Seus olhos não são visíveis, pois usa um óculos na cor vermelha e uma boca (ambos feitos de tecido branco tingido de tinta PVA). Srta. Fancy é adepta da cultura digital, passa seu tempo cultuando as redes sociais e tirando *selfies*. Seu comportamento imediatista costuma irritar Sr. Fur, ao qual Fancy chama de "antiquado". Fancy gosta de ouvir música eletrônica e sempre sabe quais estão nas paradas de sucesso.



Figura 5. Srta. Fancy. 2021. Boneca, tecido e tinta PVA. (Série EmPanados). Fonte: acervo do autor. Fotografia de agregado de tecido felpudo bege sobre fundo de cobertor felpudo com motivos geométricos em branco, cinza e azul. O objeto é esticado, com pequenos recortes de tecido avermelhado costurados na parte superior e um recorte de tecido preto maior, que envolve a parte central e deixa duas protuberâncias laterais como braços curtos.

3) Sr. Pizza (Figura 6): o terceiro a ser criado, Sr. Pizza se caracteriza por possuir uma cabeça e corpo triangulares (não é possível fazer separação entre tronco e cabeça), possui duas pernas compridas, as quais utiliza para correr. Como o Sr. Fur, Pizza não possui braços. Ainda possui dois olhos e uma boca, ambos feitos de tecido branco tingido com tinta PVA vermelha. Considerando o "good vibes" do grupo, Pizza passa o dia mentindo sobre a vida e seu sentido, procura sempre ver o lado bom das coisas e das pessoas e tenta tirar o melhor proveito das situações, não importa o quão amarga elas possam ser. Ele venera Gandhi e espera um dia alcançar o nirvana.



Figura 6. Sr. Pizza. 2021. Boneco, tecido e tinta PVA. (Série EmPanados). Fonte: acervo do autor. Agregado de tecido felpudo sobre fundo de granito claro. O objeto divide-se em três partes, como a letra Y. Uma das partes possui três pedaços de tecido avermelhado costurados como um olhos e boco, o que faz a vez de rosto.

Palavras finais

Ao utilizar, como ponto de partida, objetos da minha infância, como brinquedos industrializados e realizados em série padronizadas, bem como aqueles que foram construídos de forma individual e manual, como as "Bonecas Feias" e os gatos de esponja, foi possível perceber as maneiras como a infância é constituída a partir de um ideal que coaduna com o objetivo do capitalismo para as nossas vidas. A criação dos EmPanados, de maneira irônica, busca, de forma inversa ao sistema vigente, compreender as multiplicidades de formas de ser criança, com corpos, interesses, comportamentos diferentes, que os distinguem uns dos outros. Esses não são bonecas Barbie ou Max Steel, com relação aos quais cada boneco na prateleira são tidos como idênticos uns aos outros, vazios de personalidade, de características que os distinguem. Nesse sentido, a construção de tais bonecos de tecido permitem, ao menos em parte, superar a barreira de uma produção em massa, que acaba por homogeneizar as identidades e subjetividades dos indivíduos (Guattari, 1990).

Mais do que uma poética, os EmPanados buscam convidar as pessoas a construírem brinquedos que estão para além de uma norma; convida todos a experimentar o tecido, sua textura, fruir na própria produção de bonecos únicos e com personalidades distintas. Assim, a produção dos personagens permite acessar possibilidades outras de existir no mundo. Ao mexer com a noção de belo e do esteticamente padronizado, os EmPanados buscam brincar com as normas vigentes e dão uma nova visão sobre os indivíduos: um olhar sobre as diferenças, que valoriza as subjetividades de cada um, não em um sentido liberal, mas na pluralidade de corpos que somos.

Daí a relação com as "Bonecas Feias", que têm o objetivo de questionar o corpo padronizado, capitalizado (Paranhos, 2017). Conforme palavras de Celi Ortiz sobre seus gatos: "Eles são feios" (Ortiz, 2021).

Então, sejamos feios. Faremos dos nossos corpos diferentes e renegados, corpos que se caracterizam pela diferença, é na diferença que compartilhamos coisas em comum. Somos únicos, tais quais os EmPanados.

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1990.

ORTIZ, Celi. **Comunicação pessoal**. Rio Grande, RS. Conversa realizada em 18 out. 2021.

PARANHOS, Cláudia da Silva. Bonecas feias: brincando com padrões do corpo na arte e na contemporaneidade. In: **Actas del I Seminario Internacional de Investigación en Arte y Cultura Visual**. Montevideo: Udelar, 2017. p.572-579.

Recebido em: 20 de outubro de 2021.

Publicado em: 29 de dezembro de 2023.